



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
CURSO DE PEDAGOGIA**

GIOCLECIO MUNIZ DE LIMA

**A IMPORTÂNCIA DO MULTICULTURALISMO NOS ANOS INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL: PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DE
PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE DUAS ESTRADAS/PB**

**GUARABIRA/PB
2022**

GIOCLECIO MUNIZ DE LIMA

**A IMPORTÂNCIA DO MULTICULTURALISMO NOS ANOS INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL: PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DE
PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE DUAS ESTRADAS/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Sheilla Gomes de Melo

**GUARABIRA/PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732i Lima, Giclecio Muniz de.

A importância do multiculturalismo nos anos iniciais do ensino fundamental [manuscrito] : percepções e experiências de professoras da rede municipal de Duas Estradas/PB / Giclecio Muniz de Lima. - 2022.

37 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Sheila Gomes de Melo ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

1. Currículo. 2. Ensino Fundamental. 3. Multiculturalismo.
4. Racismo. I. Título

21. ed. CDD 370.117

GIOCLECIO MUNIZ DE LIMA

**A IMPORTÂNCIA DO MULTICULTURALISMO NOS ANOS INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL: PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DE
PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE DUAS ESTRADAS/PB**

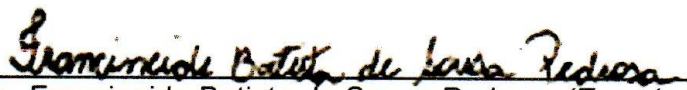
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Pedagogia.
Área de concentração: Formação docente e identidades: gênero, geracional, étnico-racial.

Aprovada em: 27/07/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Ma. Sheila Gomes de Melo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Ma. Francineide Batista de Sousa Pedrosa (Examinadora 1)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Ma. Elizangela Dias Santiago Fernandes (Examinadora 2)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Apesar da complexidade da luta contra o racismo, que conseqüentemente exige várias frentes de batalhas, não temos dúvida de que a transformação de nossas cabeças de professores é uma tarefa preliminar importantíssima. Essa transformação fará de nós os verdadeiros educadores, capazes de contribuir no processo de construção da democracia brasileira, que não poderá ser plenamente cumprida enquanto perdurar a destruição das individualidades históricas e culturais das populações que formaram a matriz plural do povo e da sociedade brasileira (MUNANGA, 2005, p. 17)

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 - Informações das participantes da pesquisa | 17 |
| Quadro 2 - Sentidos de multiculturalismo | 18 |
| Quadro 3 - Atuação da escola em relação ao multiculturalismo | 19 |
| Quadro 4 - Diversidade cultural em sala de aula | 19 |
| Quadro 5 - Entendimento sobre racismo | 21 |
| Quadro 6 - Discriminação racial na escola..... | 22 |
| Quadro 7 - Cumprimento da lei 10.639/2003 na escola | 23 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 8 |
| 2 A FORMAÇÃO DA NOSSA SOCIEDADE MULTICULTURAL..... | 9 |
| 2.1. Multiculturalismo e alguns conceitos relacionados..... | 11 |
| 3 A MULTICULTURALIDADE NO CURRÍCULO ESCOLAR..... | 13 |
| 3.1 Lei 10.639/03 e seus desdobramentos | 14 |
| 4 METODOLOGIA | 15 |
| 4.1 Instrumento de coleta de dados (Entrevistas) | 16 |
| 4.2 Lócus e sujeitos da pesquisa | 16 |
| 5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE DUAS ESTRADAS/PB | 17 |
| 5.1 Multiculturalismo na escola | 18 |
| 5.2 Algumas questões raciais nas escolas | 20 |
| CONCLUSÃO | 24 |
| REFERÊNCIAS..... | 24 |
| APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS | 27 |
| APÊNDICE 2- ENTREVISTA COM A PROFESSORA 1 | 28 |
| APÊNDICE 3 – ENTREVISTA COM A PROFESSORA 2 | 31 |
| APÊNDICE 4 – ENTREVISTA COM A PROFESSORA 3 | 32 |
| APÊNDICE 5 – ENTREVISTA COM A PROFESSORA 4 | 34 |
| AGRADECIMENTOS | 37 |

**A IMPORTÂNCIA DO MULTICULTURALISMO NOS ANOS INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL: PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DE
PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE DUAS ESTRADAS/PB**

**THE IMPORTANCE OF MULTICULTURALISM IN THE EARLY YEARS
ELEMENTARY SCHOOL: PERCEPTIONS AND EXPERIENCES OF TEACHERS
OF THE MUNICIPAL NETWORK OF DUAS ESTRADAS/PB**

Gioclecio Muniz de Lima^{1*}

RESUMO

Diante de uma realidade em que pessoas de diferentes origens, crenças, cores e sexualidades convivem, a educação não pode se furtar de abranger toda essa diversidade. Uma educação multicultural é necessária para dar voz e visibilidade para grupos antes silenciados. O objetivo geral é analisar como o Multiculturalismo está presente nas práticas das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental. Os objetivos específicos são: conhecer como o multiculturalismo é abordado, discutindo o tema a partir de conceitos teóricos, e no cotidiano escolar; compreender como algumas políticas públicas resultaram em conquistas importantes para uma educação multicultural; verificar como docentes da rede municipal de Duas Estradas/PB têm trabalhado a questão multicultural em sala de aula. Utiliza-se do método de pesquisa qualitativa, com entrevistas semiestruturadas. O percurso teórico girou em torno de pesquisas feitas por Albuquerque Júnior (2012), Cury (2008), McLaren (2000), Moreira e Candau (2008), Sacristán (1995) e Silva (2006). Algumas leis e diretrizes também são utilizadas: Brasil (2003; 2004; 2008); Brasil, MEC, SECAD (2006). Os resultados do estudo apontam que a educação multicultural é vista como algo positivo e que a Lei 10.639/03 ainda não tem sido plenamente cumprida nas escolas.

Palavras-chave: Currículo. Ensino Fundamental. Multiculturalismo. Racismo.

^{1*} Aluno de Graduação em Pedagogia (UEPB).

ABSTRACT

Faced with a reality in which people of different origins, beliefs, colors and sexualities coexist, education cannot avoid covering all this diversity. A multicultural education is needed to give voice and visibility to previously silenced groups. The general objective is to analyze how Multiculturalism is present in the practices of teachers in the early years of elementary school. The specific objectives are: to know how multiculturalism is approached, discussing the theme from theoretical concepts, and in the school routine; understand how some public policies resulted in important achievements for a multicultural education; to verify how teachers from the municipal network of Duas Estradas/PB have worked on the multicultural issue in the classroom. The qualitative research method is used, with semi-structured interviews. The theoretical path revolved around research carried out by Albuquerque Júnior (2012), Cury (2008), McLaren (2000), Moreira and Candau (2008), Sacristán (1995) and Silva (2006). Some laws and guidelines are also used: Brazil (2003; 2004; 2008); Brazil, MEC, SECAD (2006). The results of the study indicate that multicultural education is seen as something positive and that Law 10.639/03 has not yet been fully complied with in schools.

Keywords: School curriculum. Elementary School. Multiculturalism. Racism.

1 INTRODUÇÃO

A diversidade cultural está cada dia mais presente na sociedade contemporânea, e com a ascensão da globalização e da internet, as mais diversas culturas se espalharam pelo mundo. O Brasil tem uma população heterogênea em todos os sentidos, somos descendentes de europeus, africanos, indígenas entre outros povos que participaram da formação da sociedade brasileira. Essa diversidade acaba por criar conflitos entre a cultura hegemônica, que tenta manter o *status quo*, e todas as minorias que buscam reconhecimento. As escolas, como espaços de aprendizagem e convívio, não estão isentas e precisam provocar o debate sobre este tema. Ainda existe uma ideia muito forte de manutenção da cultura dominante existente nas escolas, ao mesmo tempo em que essas instituições ressaltam a necessidade de romper com essa prática e caminhar para uma educação multicultural (MOREIRA; CANDAU, 2010).

Acerca dessas discussões, temos as leis 10.639/2003 (BRASIL, 2003), que torna obrigatório o ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira nos currículos da educação básica; a lei 11.645/2008 (BRASIL; MEC, 2008), que altera a lei anterior e inclui o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL; 1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL; SEF, 1997). Porém, para executá-las, é preciso superar vários obstáculos e fatores externos que possam dificultar o trabalho. Cury (2008) diz que situações adversas podem atrapalhar e tornar o desafio ainda maior, assim, é preciso combater essa lógica cultural hegemônica e construir um novo pensamento baseado nas diferenças. Portanto, abordar o multiculturalismo com os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental irá contribuir para uma sociedade mais justa e democrática no futuro.

Contextualizamos essa temática a partir de alguns teóricos que estudam o assunto e dão subsídios para a formação de um currículo multicultural e como a multiculturalidade pode estimular a pluralidade na comunidade. Nesse sentido, a escola é forçada a levar essa discussão para além da postura dos profissionais, pois, é necessário incluí-la na organização dos conteúdos curriculares, e para tanto, é preciso investir na formação inicial e continuada dos professores (MOREIRA; CANDAU, 2010).

Os profissionais de educação precisam ter a consciência de que não se pode universalizar a cultura ou apenas incorporar as diferenças sem reconhecer que ainda existe uma cultura dominante. É preciso combater a padronização da cultura por meio de métodos educativos que busquem identificar, valorizar e assumir as diferenças existentes em cada aluno.

A condição de graduando em Pedagogia e futuro profissional da Educação despertou em mim o interesse em buscar informações da atual situação escolar em relação ao multiculturalismo. Fui uma criança de origem humilde, magrinho e de ascendência negra. Enquanto aluno, ainda criança, vivenciei situações de constrangimento por não ter as mesmas condições financeiras que alguns colegas, e por ser o menorzinho da turma. Essas circunstâncias, atreladas ao ideal de ser professor, me instigou a problematizar o assunto em busca de soluções que possam contribuir para redução de tais práticas no ambiente escolar.

Acredito que trabalhar a diversidade na escola desde os anos iniciais do ensino fundamental é um meio de construir uma sociedade melhor, mais humana e que respeite o próximo em sua diferença. É importante que os alunos e as alunas

tenham noção das diferenças existentes no ambiente social e escolar. Trata-se de costumes, crenças religiosas, deficiências e orientações sexuais, que podem ser conflitantes com a realidade das crianças e de suas famílias, sendo indispensável que haja a problematização desses temas.

Esse estudo tem como Objetivo Geral: analisar como o Multiculturalismo está presente nas práticas dos professores e professoras dos anos iniciais do ensino fundamental. Os objetivos específicos são: conhecer como o multiculturalismo é abordado, discutindo o tema a partir de conceitos teóricos, e no cotidiano escolar; compreender como algumas políticas públicas resultaram em conquistas importantes para uma educação multicultural; verificar como docentes da rede municipal de Duas Estradas/PB têm trabalhado a questão multicultural em sala de aula.

O texto está estruturado em três partes: Inicialmente, expomos como a sociedade brasileira tornou-se essa diversidade de raças, culturas, costumes e crenças. Contextualizamos o assunto fazendo um recorte histórico que vai desde a Colonização até a República, mostrando alguns aspectos como o período escravocrata, as imigrações europeias e asiáticas contribuíram para a formatação do modelo de sociedade que se apresenta hoje em dia. Em um segundo momento, abordamos o multiculturalismo a partir de uma análise teórica, trazendo ideias de alguns autores que jogam luz sobre o tema tão diversificado em seu conceito.

Também procuramos mostrar como a relação entre cultura e educação, pode favorecer na formação de uma sociedade mais justa e consciente. No tópico seguinte tratamos do currículo e das leis. E na última seção apresentamos uma análise das falas de alguns professores de duas escolas municipais da cidade de Duas Estradas/PB. A participação na pesquisa se deu por meio de uma entrevista que buscava entender o quanto conheciam e praticavam a educação multicultural em suas práticas docentes.

2 A FORMAÇÃO DA NOSSA SOCIEDADE MULTICULTURAL

Os aspectos que formam a sociedade e a cultura brasileira são reflexo de um contexto social de uma época passada (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012), iniciada com a colonização de nossas terras pelos portugueses no século XVI. Nessa época, houve disputas e conflitos que vieram a caracterizar a sociedade brasileira, pois, enquanto os colonizadores buscavam riquezas na nova colônia, eles também impeliam seus hábitos e costumes aos nativos. A produção econômica da época era baseada nas lavouras de açúcar e na mineração, e mantida com o trabalho escravo, uma vez que a população indígena havia sido reduzida drasticamente em função da resistência à colonização portuguesa. O negro africano, portanto, foi a solução para o trabalho nas lavouras e na procura do ouro, tornando o tráfico de pessoas escravizadas vindas da África um fator importante para miscigenação da população.

A criação do estado brasileiro ocorreu no fim do século XIX com a declaração da Independência do Brasil. Alguns anos mais tarde houve o fim do período escravocrata. Esses dois eventos propiciaram uma grande imigração europeia e asiática para as terras brasileiras: eram italianos, espanhóis, portugueses, alemães e japoneses entusiasmados com novas oportunidades de trabalho que desembarcavam no Brasil. Esse processo migratório, aliado à vinda forçada de pessoas do continente africano e à população nativa, teve grande importância para formação multicultural da sociedade brasileira. São inúmeras manifestações

culturais, pratos típicos, entre outros aspectos espalhados por todo território nacional.

No entanto, a República Brasileira surgiu como instrumento para manter as mesmas estruturas existentes durante o período colonial, em que prevalecia a cultura europeia, patriarcal, branca e cristã, que veio a formatar a cultura dominante na sociedade atual. Após a Abolição da escravidão, as elites que governavam a região buscaram atender as demandas dos proprietários de terras em receber compensação pelos escravos, enquanto ignoravam qualquer possibilidade de beneficiar a população recém liberta, forçando essas pessoas a continuarem exercendo as mesmas atividades, em troca de favores ou baixa remuneração.

Podemos dizer que é aí que o Brasil nasce como conceito e também muitas vezes como preconceito; sem esquecermos que a produção intelectual e artística responsável por esta invenção da nacionalidade não deixou de lançar mão do todo um arquivo de imagens e de textos sobre a terra e os homens do Brasil, presentes nos relatos e crônicas coloniais, ou mesmo em toda a produção escrita sobre a colônia, nos séculos anteriores (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p. 44-45).

Na circunstância de definir quem representa o povo brasileiro, severamente castigado por um longo período de escravidão que deixou marcas eternas de preconceito, discriminação e violência na sociedade brasileira, criou-se a ilusão de que vivemos em uma condição de completa igualdade racial e cultural, “Antes, está relacionada com a presença de um imaginário social peculiar sobre a questão do negro no Brasil, alicerçado no mito da democracia racial.” (MOREIRA; CANDAU, 2008, p. 19). No entanto, a elite continua a excluir os grupos minoritários.

Para chegar a esse entendimento, basta considerar os dados estatísticos relativos ao nível de salário, tipos de profissões que exercem, acesso ao ensino superior e ao mercado de trabalho de alto nível da população afrodescendente e outras minorias. Segundo Gonçalves (2006), durante muito tempo algumas teorias buscavam legitimar uma supremacia racial baseada na noção naturalista da raça, a qual classificava grupos humanos como superiores a outros, apenas por questões naturais. No entanto, essas teorias eram confrontadas pela Antropologia Culturalista.

Em suma, a Antropologia Culturalista gera um conjunto de conhecimentos sobre a diversidade do gênero humano, no qual todas as formas de dominação, justificadas como sendo resultantes de uma lei qualquer da natureza (logo, imutáveis), passam a ser vistas como de fato são: um ato de pura arbitrariedade (GONÇALVES, 2006, p.24).

Baseado nos conceitos culturalistas, populações negras e indígenas passam a confrontar a lógica naturalista de dominação, que os classificavam como grupo inferiores, e começam a lutar por sua autonomia sociocultural, ao mesmo tempo, outros grupos inspirados pela luta étnico-racial, passam a buscar mais direitos, como é o caso das mulheres e de grupos LGBTQIAPN+². Assim, os grupos culturalmente dominados começam a buscar gradativamente sua emancipação, abdicando dos valores culturais que os oprimem, a partir de uma nova leitura da diversidade humana (GONÇALVES, 2006).

² A sigla LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Questionando, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binário e mais) representa o movimento político e social que defende a diversidade e busca mais representatividade e direitos para essa comunidade.

Entendemos que essas ações são um manifesto multiculturalista importante para o desenvolvimento dos movimentos que buscam reconhecimento e respeito. Ou seja, o termo Multiculturalidade, que é tema deste trabalho, tem suas origens na luta pelo direito de exercer e preservar as características culturais dos grupos culturalmente dominados.

2.1. Multiculturalismo e alguns conceitos relacionados

O multiculturalismo se faz presente em situações em que haja mudança demográfica e cultural. Caracteriza-se, principalmente, em espaços de diferentes contextos sociais em seus diversos aspectos, desde raça, gênero, sexualidade, religião, classe social etc. Nesse sentido, precisamos fazer uma leitura de como se dá a relação entre cultura e educação, e a escola como espaço de aprendizagem e socialização tem papel fundamental em incorporar um sistema de ensino que valorize a diversidade em todos os aspectos já mencionados.

O multiculturalismo não pode ser vista apenas como uma ferramenta contra a desigualdade social, ele precisa ser “[...] entendido como a aceitação de múltiplas realidades; como uma visão, uma forma de ver o mundo, a educação e a vida” (IMBERNÓN, 2016, p 72-73). Reconhecido em seus diversos significados, uma vez que existem vários sentidos diferentes para o mesmo termo. Tomamos por base a concepção de Moreira e Candau (2008) que afirmam o seguinte:

Outra dificuldade para se penetrar na problemática do multiculturalismo está referida à polissemia do termo. A necessidade de adjetivá-lo evidencia esta realidade. Expressões como multiculturalismo conservador, liberal, celebratório, crítico, emancipador, revolucionário podem ser encontradas na produção sobre o tema e se multiplicam continuamente. Certamente inúmeras e diversificadas são as concepções e vertentes multiculturais (MOREIRA; CANDAU, 2008, p. 19).

Partindo da ideia da existência desses múltiplos significados, os autores (MOREIRA; CANDAU, 2008) destacam duas abordagens que consideram fundamental distinguir dentro desses conceitos: Uma abordagem descritiva, a qual coloca o multiculturalismo como algo natural das sociedades, e cujas características são moldadas pelo contexto histórico, político ou sócio cultural, específico de cada lugar; E outra propositiva, que vem em contraponto a abordagem anterior, esta por sua vez, tem atuação direta na sociedade, com real intuito de modificar a realidade sociocultural do lugar, com um enfoque nas diversas concepções culturais do local.

Como um dos focos deste trabalho é discutir alternativas para uma sociedade plural a partir da educação escolar, destacamos a importância do multiculturalismo interativo ou também como é chamado, interculturalidade. Essa perspectiva deriva da abordagem propositiva. Tem ênfase na inter-relação entre as diversas culturas e na promoção de projetos políticos e educacionais voltados para uma sociedade multifacetada em seus diversos grupos. Ela representa a pluralidade de uma maneira que não reconhece apenas a existência de outros grupos, “... ela quer promover uma educação para o reconhecimento do ‘outro’, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais” (MOREIRA; CANDAU, 2008, p. 23).

A cultura escolar é desenvolvida a partir da relação entre duas vertentes, de um lado, os currículos oficiais, as políticas educacionais e as regras escolares, e do outro, em decorrência da ação dos atores envolvidos no desenvolvimento dessas ações: professores, gestores, alunos e a comunidade. Por isso, consideramos essencial desenvolver ações que propiciem a tomada de consciência para a

formação de uma identidade cultural, pois:

Ao falar de educar na multiculturalidade, é necessário, portanto, falar de mudar as atitudes do professorado e da escola como instituição; mudar as relações que nela se produzem; mudar, por fim, o processo educacional institucionalizado. Não assumir um modelo de compreensão cultural ou de competência cultural e de reconstrução social, onde a cultura de grupos diferentes seja um valor positivo e a educação multicultural promova a emancipação cultural e a melhoria social dos alunos, aumentando o autoconceito e as expectativas, rompendo o círculo da falta de oportunidades que às vezes envolve alguns grupos de cultura distinta da nossa. (IMBERNÓN, 2016, p 72)

Quando as ações escolares não dão ênfase a esse processo de cruzamento de culturas acabam por favorecer a criação de uma sociedade escolar culturalmente homogênea. Isso gera resultados negativos para a prática pedagógica e social, tais como: distanciamento entre as experiências socioculturais e a escola; baixa autoestima de discentes pertencentes a grupos sociais estigmatizados, baixo rendimento escolar, além de agressividade, mal estar e desconforto no ambiente escolar (MOREIRA; CANDAU, 2008).

Por isso é fundamental estimular o reconhecimento de uma identidade cultural, e para tanto é necessário criar situações e ambientes que favoreçam isso. Fazer com que alunas e alunos se vejam dentro dos processos culturais e na história do lugar é essencial. As escolas, no entanto, ainda são ambientes com um cenário cultural homogeneizador, apesar da diferença ser uma realidade dentro da comunidade escolar. Mudar esse panorama é fundamental, e para tanto é preciso que haja práticas educativas que favoreçam o reconhecimento de nossas origens, que superem o silenciamento e a negação cultural, para só assim, eliminar a visão de uma identidade cultural inferior.

Ter presente o arco-íris das culturas nas práticas educativas supõe todo um processo de descontração de práticas naturalizadas e enraizadas no trabalho docente para sermos educadores/as capazes de criar novas maneiras de situar-nos e intervir no dia a dia de nossas escolas e salas de aula (MOREIRA; CANDAU, 2008, p. 28).

A partir do momento que adotamos uma identidade cultural e nos reconhecemos nela, passamos também a relacionar as diferenças entre nós e os outros, e a forma como isso é interpretado diz muito sobre o nível de conscientização cultural da pessoa. É natural relacionar o “nós” ao nosso grupo de pertencimento, com referências socioculturais semelhantes às nossas, enquanto os outros são todos que contrastam em relação a costumes, religião, gênero, etc. Moreira e Candau (2008) definem que no contexto escolar essa situação é vista com muita frequência nas relações socioculturais, em que as interações entre os diferentes grupos são marcadas por conflito, negação, exclusão e violência.

Para tanto, ainda afirmam que:

O/a educador/a tem um papel de mediador na construção de relações interculturais positivas, o que não elimina a existência de conflitos. O desafio está em promover situações em que seja possível o reconhecimento entre os diferentes, exercícios em que promovamos o colocar-se no ponto de vista, no lugar sociocultural do outro, nem que seja minimamente, descentrar nossas visões e estilos de afrontar as situações como os melhores, os verdadeiros, os autênticos, os únicos válidos. Para isto é

necessário promover processos sistemáticos de interação com os outros, sem caricaturas, nem estereótipos. Trata-se também de favorecer que nos situemos como “outros”, os diferentes, sendo capazes de analisar nossos sentimentos e impressões (MOREIRA; CANDAU, 2008, p. 31-32).

Desse modo, a interculturalidade trabalha a relação entre as culturas visando o reconhecimento a partir da vivência, trazendo os atores para dentro do cenário, se colocando na posição do outro, ultrapassando o discurso e combatendo situações conflitantes. Toda a comunidade escolar precisa fazer parte deste processo, para assim fazer valer o real sentido da escola para a sociedade como um todo.

3 A MULTICULTURALIDADE NO CURRÍCULO ESCOLAR

Nesta seção são apresentadas algumas perspectivas acerca do currículo multicultural e como a Lei 10.639/03 e seus desdobramentos podem colaborar em uma educação multicultural.

A constituição do currículo está sujeita a intervenções políticas e sociais. O currículo é moldado por projetos governamentais, diretrizes escolares, bem como interesses e preferências dos sujeitos envolvidos em sua composição. Indivíduos pertencentes a diferentes espectros políticos trabalham para elaborar um currículo que reflita seus valores. No entanto, currículo é mais do que os fatos que são ensinados, é também como eles são apresentados (MOREIRA, 2013).

Um currículo multicultural deve levar em consideração grupos que não têm suas histórias, culturas e experiências valorizadas, sendo silenciados pela cultura escolar.

Um currículo multicultural crítico pode ajudar as educadoras a explorarem as maneiras pelas quais alunas e alunos são diferencialmente sujeitados a inscrições ideológicas e aos discursos de desejo multiplamente organizados, por meio de uma política de significações (McLAREN, 2000, p. 131).

Antes de tratarmos do currículo multicultural é importante entender o que é o currículo. O currículo é espaço de resistência e silenciamento, é uma disputa que opõe “grupos econômica e culturalmente poderosos (que procuram defender seus interesses) e as classes populares (que buscam tornar o currículo mais adequado às suas tradições políticas e culturais)” (MOREIRA, 2013, p. 552). As intervenções políticas no currículo efetivam “um processo de inclusão de certos saberes e de certos indivíduos, excluindo outros” (SILVA, 2006, p. 11-12). Nesse contexto, podemos acompanhar o pensamento de Tomaz Tadeu da Silva (2006, p. 12) quando ele afirma que o “currículo estabelece diferenças, constrói hierarquias, produz identidades”.

Em outras palavras, o currículo escolar é uma ferramenta que gera exclusões e inclusões. Pelo seu papel na área educacional, podemos afirmar que ele apresenta mais exclusões, visto que em sua organização apenas uma minoria detém poder de decidir o que deve ser ensinado nas escolas.

O multiculturalismo é um caminho teórico que procura desconstruir os preconceitos e instigar a pluralidade de ideias, culturas e identidades. Ele acaba favorecendo aos diferentes grupos étnico-raciais. De acordo com Canen e Oliveira (2002, p. 61), a multiculturalidade dentro da educação “valoriza a diversidade e questiona a própria construção das diferenças e, por conseguinte, dos estereótipos e preconceitos contra aqueles percebidos como “diferentes” no seio de sociedades

desiguais e excludentes”. Um currículo construído sob essa perspectiva discutirá a diversidade e reconhecerá o dever da educação em levar a pluralidade para sala de aula, indo além do exótico e folclórico.

As maneiras como o currículo escolar é pensado e elaborado podem corroborar a posição da cultura hegemônica, os preconceitos e estereótipos já enraizados na formação da sociedade. Por isso, uma orientação multicultural pode desnaturalizar essa mentalidade estabelecida e dar visibilidade a outros grupos.

Um currículo fundamentado no multiculturalismo se baseia na ideia de que os alunos e as alunas podem obter conhecimento, valores e conscientização ao serem expostos a diferentes práticas culturais, experiências e tradições. Trata-se de diferentes perspectivas sobre a diversidade, sem ignorar suas contradições e conflitos. Para McLaren (2000) o objetivo do programa educacional, portanto, precisa ser mais inclusivo para indivíduos provenientes de diferentes contextos culturais, raciais, sociais e étnicos.

Podemos citar como fundamento legal para um currículo multicultural as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* (BRASIL, 2004). Essas Diretrizes apontam que

É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz européia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. [...] É preciso ter clareza que o Art. 26ª acrescido à Lei 9.394/1996 provoca bem mais do que inclusão de novos conteúdos, exige que se repensem relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para aprendizagem, objetivos tácitos e explícitos da educação oferecida pelas escolas (BRASIL, 2004, p. 17).

Essa ressalva, que as próprias Diretrizes trazem, significa que não basta incluir mais conteúdos ao currículo escolar, mas que a imersão de “um currículo multicultural no ensino implica mudar não apenas as intenções do que queremos transmitir, mas os processos internos que são desenvolvidos na educação institucionalizada” (SACRISTÁN, 1995, p. 88).

Sacristán (1995) aponta alguns mecanismos de ação que vão além de uma transformação curricular. São práticas “mais sutis” que deveriam ser lembradas na construção de um currículo multicultural: transformações nos métodos de ensino, na formação docente, nas reações diante de situações de preconceito, nos julgamentos de valor, no desenvolvimento de atitudes de tolerância diante da diversidade.

3.1 Lei 10.639/03 e seus desdobramentos

Em 2003, a Lei nº 10.639 modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96 (BRASIL, 1996). A alteração ocorreu nos artigos 26 e 79, determinando a inclusão no currículo escolar das temáticas de “História e Cultura Afro-brasileira”. A lei é taxativa e inequívoca no que diz respeito à nova proposta de ensino:

§ 1º – conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil;

§ 2º – Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (BRASIL, 2003).

A modificação também institui no calendário escolar a data de 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”.

A Lei nº 10.639/03 foi estabelecida no início do governo de Luís Inácio Lula da Silva, como resultado das reivindicações por igualdade racial no país. O Movimento Negro se empenhou durante anos para que o poder público admitisse a existência do racismo e planejasse maneiras de combatê-lo.

A Lei nº 11.645 (BRASIL, 2008) faz uma nova alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, acrescentando aos currículos escolares a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

As leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 são resultados de reivindicações, manifestações e denúncias de diversos movimentos sociais que exigiam políticas educacionais que abrangessem sua história, cultura e tradições.

Houve alguns desdobramentos da Lei 10.639/03 sobre como se daria sua aplicação em âmbito nacional. A Resolução CNE/CP 01/2004, elaborada pelo Conselho Nacional de Educação definiu as Diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana (BRASIL, 2004). Trata-se de meios para reconhecer a diversidade e transformar a realidade educacional.

As Diretrizes apontam que ensino de história e cultura afro-brasileira e africana tem como objetivo o “reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias, asiáticas” (BRASIL, 2004, p. 31). É a indicação para um currículo diverso e multicultural.

Pelos textos das leis, observamos que as práticas pedagógicas são orientadas por diretrizes que reconhecem a diversidade e estimulam seu ensino em sala de aula. Uma diretriz, entretanto, não é um objeto que possui poderes, mas é o resultado de escolhas de determinados grupos. Ainda existem modificações possíveis de serem realizadas em outras esferas do poder público e nas instituições escolares, atendendo a interesses de outros grupos.

4 METODOLOGIA

Foi utilizado neste trabalho o método de pesquisa qualitativa, pois nosso intento não é quantificar os eventos estudados, nem tão pouco, produzir dados estatísticos através da análise dos resultados. Esse método de pesquisa

Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995. p. 58).

O propósito é verificar como docentes da educação básica, mais precisamente os dos anos iniciais do ensino fundamental de duas Escolas Municipais de Duas Estradas/PB, têm abordado a multiculturalidade em suas práticas docentes. Tendo como base uma análise bibliográfica dos principais autores

da área, tais como: Moreira e Candau (2010), Cury (2008) e Albuquerque Júnior (2012), passando também por uma leitura sobre as leis que definem o currículo escolar (BRASIL, 2003; 2004; BRASIL; MEC; SEB, 2010).

Este modelo de pesquisa foi escolhido por possibilitar um melhor entendimento do conceito da multiculturalidade, de como o modelo de educação vigente atende à demanda da sociedade marginalizada, além de permitir uma análise sobre o resultado da relação entre uma sociedade diversificada e uma educação com raízes culturais hegemônicas.

4.1 Instrumento de coleta de dados (Entrevistas)

As entrevistas são embasadas em um roteiro com uma sucessão de questões, exibidas na mesma ordem e forma a todos os respondentes (GIL, 2008). Dessa maneira, elas devem ser feitas de modo a apreender informações, lembranças, interpretações e opiniões dos entrevistados. Pois, nas informações colhidas nas entrevistas é possível conhecer o que “as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes” (Ibid., p. 109).

Na composição das entrevistas, escolhemos utilizar perguntas abertas e semiestruturadas (APÊNDICE 1). Estas deixam os respondentes mais à vontade, dando-lhes tempo e espaço para respostas que os estimulem a compartilhar seus entendimentos, experiências e opiniões, bem como suas reações a processos e situações sociais. Emprega-se a linguagem própria do respondente (GIL, 2008).

As perguntas foram elaboradas a fim de promover uma conversa dinâmica e sincera sobre a realidade da rotina profissional dos participantes. O instrumento para a coleta de dados consiste em seis perguntas de livre respostas, divididas em duas partes: uma com os dados dos sujeitos e a outra abrangendo o conhecimento sobre a multiculturalidade e as questões raciais.

Para melhor apreciar os resultados alcançados com as entrevistas, é necessário que o processo de pesquisa vá além da leitura das informações colhidas, por isso é preciso que a articule com um quadro mais abrangente a fim de se alcançar um panorama mais amplo sobre o fenômeno pesquisado. De acordo com Gil (2008), a ferramenta que pode contribuir com a ampliação dos dados é a fundamentação teórica da pesquisa e as interpretações já levantadas sobre os temas em discussão.

4.2 Lócus e sujeitos da pesquisa

A coleta dos dados foi realizada em duas escolas localizadas no município de Duas Estradas/PB. Os nomes das instituições não são mencionados aqui, por uma questão de confidencialidade. Uma atende a crianças de todo o município, com turmas de 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental e a outra atende a crianças a partir de três anos de idade, com turmas de maternal, pré-escola, 1º e 2º anos do Ensino Fundamental. Ambas estão na área urbana da cidade.

Como critério de escolha para as participantes, optamos por profissionais atuantes na rede de ensino básico do município de Duas Estradas/PB. O ponto em comum entre as participantes: todas são mulheres. Para manter seu anonimato, as participantes serão chamadas de Professora 1, Professora 2, Professora 3 e Professora 4.

Sobre as participantes da pesquisa, temos algumas informações pessoais, formativas e profissionais:

Quadro 1- Informações das participantes

| | Formação | Turma que leciona | Idade | Tempo de Atuação |
|--------------|---|-------------------|---------|------------------|
| Professora 1 | Licenciada em Pedagogia | 2º Ano | 36 anos | 11 anos |
| Professora 2 | Licenciada em Letras | 3º Ano | 31 anos | 07 anos |
| Professora 3 | Licenciada em Geografia, com especialidade em Ciências Ambientais. | 4º Ano | 46 anos | 25 anos |
| Professora 4 | Licenciada em Pedagogia, com especialidade em Psicopedagogia Institucional. | 5º Ano | 41 anos | 15 anos |

Fonte: O autor (2022).

A pesquisa ocorreu de forma remota, entre os dias 11 e 15 de julho de 2022. Isso porque o período destinado à coleta de dados combinou com o recesso escolar e as festas juninas, o que nos obrigou a utilizar meios digitais para realizar as entrevistas.

O contato inicial com as professoras se deu por telefone, momento em que fiz minha apresentação e expliquei sobre a pesquisa. Foram acertados data e horário para as entrevistas, que ocorreram de forma individual e por meio do aplicativo de mensagens *Whatsapp*. Os diálogos foram registrados por meio de mensagens de áudio, sendo posteriormente transcritas para a pesquisa com o auxílio do aplicativo *Transcriber para o Whatsapp*.

5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE DUAS ESTRADAS/PB

Nesta seção são apresentadas as falas das participantes da pesquisa com análise das mesmas. A primeira etapa (5.1. Multiculturalismo na escola) apresenta os pensamentos e as experiências relacionados ao multiculturalismo e a relação deste com a educação escolar. Essas perguntas foram feitas para que as educadoras pudessem entrar no diálogo em seus próprios termos, definindo por si mesmas os significados e aplicações do multiculturalismo. Na segunda etapa (5.2. Algumas questões raciais na escola), as abordagens voltam-se para as questões raciais, discutindo sobre racismo, preconceito e a aplicação da Lei 10.639/2003 nas escolas.

5.1 Multiculturalismo na escola

Nos últimos anos, o multiculturalismo tem ganhado posição de destaque na área da educação escolar. Seguido por contribuições de pesquisadores e pesquisadoras no campo da educação (MCLAREN, 2000; MOREIRA; CANDAU, 2008), o multiculturalismo tem mantido uma presença forte na formação educacional, ou seja, não se trata de um tema inédito na educação.

A seguir podemos observar algumas definições sobre multiculturalismo obtidas a partir de entrevistas feitas com as Professoras:

Quadro 2 - Sentidos de multiculturalismo

| | |
|---------------------|---|
| Professora 1 | Uma visão global relacionada ao multi-universo cultural que é implantado, que nós vivenciamos no dia-a-dia. |
| Professora 2 | O multiculturalismo se faz quando a sociedade respeita as diferenças, e ao invés de discriminar aprende a entender as tais diferenças como riqueza cultural, algo que agrega, que engrandece. |
| Professora 3 | Consiste em várias culturas diferentes. |
| Professora 4 | Consiste em ser várias culturas em uma mesma região. |

Fonte: O autor (2022).

As respostas apresentam entendimentos acerca de multiculturalismo com base nas diferenças e, de algum modo, reiteram que a estrutura social não é homogênea. Diferentes culturas coexistem em um mesmo espaço. Pode-se dizer que essas definições de multiculturalismo com base nas diferenças e na diversidade cultural buscam reconhecer o Outro para um “diálogo” como afirmam Moreira e Candau (2008).

A designação multicultural costuma ser empregada com um significado próximo à pluralidade, heterogeneidade ou diversidade cultural, evidenciando as várias culturas que compõem a sociedade em que vivemos. A convivência das diferenças, contudo, não é algo natural. Não basta reconhecer as “várias culturas diferentes”, mas pensar formas de reconhecê-las e valorizá-las. Sobre isso, Paulo Freire (2020) afirma que

É preciso reenfatar que a multiculturalidade como fenômeno que implica convivência num mesmo espaço de diferentes culturas não é algo natural e espontâneo. É uma criação histórica que implica decisão, vontade política, mobilização, organização de cada grupo cultural com vistas a fins comuns. Que demanda, portanto, uma certa prática educativa coerente com esses objetivos. Que demanda uma nova ética no respeito às diferenças (FREIRE, 2020, p. 215 - 216).

A heterogeneidade cultural, que se encontra na sociedade e dentro das escolas, também pode entrar em choque com a cultura hegemônica, resultando, por exemplo, em práticas discriminatórias e em atos de violência.

Após considerarmos o que entendem por multiculturalismo, é interessante observarmos a opinião das Professoras sobre o que a escola faz ou deveria fazer para estimular uma educação multicultural.

Quadro 3 - Atuação da escola em relação ao multiculturalismo

| | |
|---------------------|---|
| Professora 1 | A equipe toda senta e vamos trabalhar aquela semana dedicada só aquele determinado tema. Ao meu ver trabalhamos de forma sistematizada, tem toda uma programação a ser trabalhada. |
| Professora 2 | Tornando-se ambiente de valorização e respeito cultural, incentivando a inclusão e mesmo a auto aceitação das crianças, mostrando a riqueza por trás das diferenças, promovendo meios de interação entre os estudantes, trazendo conteúdos para serem estudados que abordam tais temas, textos e autores característicos desse cenário multicultural. |
| Professora 3 | Buscando pelo principal princípio e respeito pelas culturas, as culturas diferenciadas. |
| Professora 4 | A escola, por ser um espaço de formação, deve sim trabalhar o multiculturalismo de uma forma que seja para ampliar os conhecimentos dos alunos de acordo com as outras culturas, mesmo que elas não estejam inseridas na comunidade onde eles vivem, mas, pra eles conhecerem as várias culturas que existem de outros povos. |

Fonte: O autor (2022).

Pelas falas das entrevistadas, existe algum reconhecimento quanto à diversidade cultural e um trabalho “sistematizado”, como afirma a Professora 1, para difundir essas diferenças entre os alunos e alunas. A Professora 4 também levanta um ponto interessante quando diz que, ainda que alguma cultura não esteja diretamente ligada à cultura daquela turma, é importante que se conheça as diferenças.

Para uma educação escolar multicultural alcançar resultados positivos, o currículo precisa sofrer alterações; os materiais didáticos podem ser revistos e atualizados; a ocorrência de mudanças nos métodos de ensino e aprendizagem, bem como a mentalidade de professores e administradores devem se adequar aos novos contextos. A cultura escolar, desse modo, precisa ser transformada, evitando que as diferenças culturais sejam percebidas com exotismo ou lembradas apenas em datas comemorativas (SACRISTÁN, 1995).

Em seguida, as participantes foram questionadas sobre como colaboram com o reconhecimento da diversidade cultural durante suas aulas. Então as educadoras responderam:

Quadro 4 - Diversidade cultural em sala de aula

| | |
|---------------------|---|
| Professora 1 | Então assim, eu trabalho sim dentro da sala de aula, tanto de forma direta como forma indireta sobre essa questão do reconhecimento da diversidade cultural. Não só na questão global, como principalmente na questão em sala de aula. Porque assim, nós atuamos em várias disciplinas com essa temática. Uma das que nós utilizamos muito é a questão da religião. Nós não usamos a religião em si referente a deuses, nós utilizamos mais a questão do respeito. Respeito ao outro, o respeito a questão física do outro, a valorização do outro, as palavras de respeito, a questão da educação em si. Então assim, tentamos mostrar de forma sucinta, né? |
|---------------------|---|

| | |
|---------------------|--|
| Professora 2 | Trabalhar temas que abordam o respeito, a aceitação do outro e de si mesmo dentro das diferenças de cada um. Parece que tudo se mostra pouco diante da realidade social que vivemos, essa tal igualdade que buscamos, essa sociedade livre de preconceitos, de discriminação, essa convivência multicultural, ainda se distancia demais do que vivemos atualmente. |
| Professora 3 | Se trabalhando com a música, a dança, que são instrumentos muito importantes, que mostram as diferenças das culturas, né? Diferenciada. Na música mesmo se tem, seja nos toques, nos ritmos, né? Isso vai praticando. Isso é uma prática em sala que os alunos interajam com toda essa diferença, havendo sempre o respeito, levantando os valores de cada cultura. |
| Professora 4 | Então, as crianças precisam conhecer. Elas precisam ter esse conhecimento do que é a cultura, de onde vem essa cultura. Então, de que forma eu tenho feito isso? Mostrando fotos, reportagens, trabalhando aquela cultura, onde for a nossa cultura né? A cultura nordestina tem sido de uma forma mais enfática com eles, pra que fique, pra que ela não se perca no caminho. É... a gente está numa era digital e as coisas vêm deixando de existir. |

Fonte: O autor (2022).

De acordo com as educadoras, por meio da educação multicultural, é possível encontrar métodos de ensino que auxiliem para reduzir os preconceitos geográficos (Professora 4), religiosos (Professora 1), culturais (Professora 2) e proporcionar aos alunos e alunas oportunidades iguais de inclusão escolar, independentemente de suas origens.

Podemos observar que as tentativas de adotar uma educação multicultural também pode acabar reafirmando a cultura hegemônica. As músicas, fotografias e religiosidades utilizadas conseguiriam trazer outras realidades para o ensino ou apenas se concentram no que vem do homem branco e cristão? O conhecimento da “cultura nordestina” desnaturaliza ou reafirma os estereótipos? Questões que devem ser levadas em consideração e respondidas quando se planeja a aula e/ou se organiza o currículo.

A resposta da Professora 2 destoa um pouco da positividade das outras, pois mostra as dificuldades e o desânimo que estão presentes no processo de ensino e em uma sociedade desigual e preconceituosa.

Observamos que as respondentes reconhecem a necessidade de se levar a multiculturalidade para sala de aula, o que mostra a preocupação em trabalhar a temática. Os próximos questionamentos feitos durante as entrevistas se voltam para as questões raciais.

5.2 Algumas questões raciais nas escolas

Alunos e alunas pertencentes a grupos minoritários raciais, culturais ou religiosos que historicamente sofreram discriminação institucionalizada, racismo ou outras formas de marginalização muitas vezes têm dificuldade em aceitar e valorizar suas próprias heranças culturais. Cabe aos docentes reconhecerem as diferenças e saberem como trabalhar com isso em sala de aula.

Dentro da ideia de multiculturalismo, a educação étnico-racial também se faz presente. Enfrentar o racismo, a discriminação e o preconceito racial dentro de uma sociedade racista e preconceituosa é um dos desafios educacionais. Desse modo,

“apesar da complexidade da luta contra o racismo, que conseqüentemente exige várias frentes de batalhas, não temos dúvida de que a transformação de nossas cabeças de professores é uma tarefa preliminar importantíssima” (MUNANGA, 2005, p. 17).

Diante dos efeitos do racismo na sociedade e na escola, pedimos para as respondentes falarem sobre o que entendem por racismo. Podemos observar em seus relatos:

Quadro 5 - Entendimento sobre racismo

| | |
|---------------------|---|
| Professora 1 | A questão de racismo é questão de raça mesmo, né? Que infelizmente ainda tem muito em nossa sociedade, algumas pessoas ainda fazem o conceito velado que a gente sabe, mas que tá ali enraizado e que infelizmente isso acontece e infelizmente é passado para nossas crianças. Até porque é muito importante essa questão da conscientização não só por parte das escolas, mas por parte dos pais. |
| Professora 2 | Racismo é quando essa discriminação acontece por conta das diferenças raciais. |
| Professora 3 | Tem pessoas que discrimina o negro, pode ser uma pessoa de bem, mas por ter um racismo, ele define aquela pessoa como um ladrão, como pessoas erradas. |
| Professora 4 | Eu entendo basicamente como uma rejeição. No momento que a gente é racista, que a gente é preconceituoso, seja com o que for, a gente tem uma rejeição sobre aquilo. Seja uma pessoa, seja cultura, seja uma forma de agir, seja uma alimentação. |

Fonte: O autor (2022).

De acordo com a fala das Professoras, o racismo pode ser definido como comportamentos e práticas que geram tratamento desigual e injusto de grupos sociais ou culturais com base na raça. É importante que os educadores e as educadoras tenham em mente que mentalidades e práticas racistas não são naturais. Vale a pena lembrar que um dos princípios centrais das teorias críticas de raça é que o racismo é uma construção social.

A “conscientização”, lembrada pela Professora 1, é um aspecto relevante na educação. As escolas são espaços onde crianças e adolescentes passam muito tempo interagindo com seus pares, muitas vezes em circunstâncias culturais diferentes. As escolas podem ser fundamentais para o desenvolvimento de estratégias voltadas à compreensão multicultural, à conscientização e ao combate ao racismo.

A discriminação racial também deve ser motivo de preocupação para as educadoras e os educadores. De acordo com as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais (BRASIL; 2006, p. 217 - 218), “discriminação racial é uma ação, atitude ou manifestação contra uma pessoa ou grupo de pessoas em razão da sua cor”. Quando ela acontece dentro do espaço escolar, deve ser mais um sinal de alerta de que o ensino precisa intervir.

Abaixo, temos as situações que foram apresentadas nas respostas das entrevistas:

Quadro 6 - Discriminação racial na escola

| | |
|---------------------|---|
| Professora 1 | Na maioria das vezes as atitudes, como frases preconceituosas, são reproduções do que ela ouviu dentro de casa, o que nos entristece, pois é aí que fica claro que o trabalho que tentamos fazer na Escola contra esse tipo de atitude muitas vezes não tem uma contrapartida dos responsáveis. [...] Tento conversar, discutir o tema com o aluno, debater a situação, mostrar o quanto a atitude foi desnecessária, o quanto isso pode afetar a vida do colega, e levo o discente a se pôr na mesma situação, ainda trago as discussões para sala de aula na tentativa de sempre reforçar o tema. |
| Professora 2 | Sim. A escola na qual trabalho oferece turmas do 3º ao 5º ano do ensino fundamental, são crianças pequenas ainda, e sabemos que são reflexo do que vêem em casa, os exemplos a que são expostos dentro do ambiente familiar faz toda a diferença nas atitudes dessa criança para com os colegas, na maioria das vezes as atitudes, como frases preconceituosas, são reproduções do que ela ouviu dentro de casa, o que nos entristece, pois é aí que fica claro que o trabalho que tentamos fazer na Escola contra esse tipo de atitude muitas vezes não tem uma contrapartida dos responsáveis, ou até tem, mas contrária. |
| Professora 3 | Sim, a gente que trabalha em escola sempre vê situações assim, questão do aluno referir-se a cor do outro, chamar o outro de negrinho. É o que mais a gente vê e ouve, essas situações. Como se já vem né? Isso foi logo lá no início, né? Não que não tenha, ainda tem, mas como a gente trabalha mais em sala de aula ,vem trabalhando em sala de aula, porque desde o início não se tinha essa base curricular né? Mas, se trabalha temas em relação às diferenças, de pessoas, diferenças de cores, diferenças de religião, diferenças de raça. |
| Professora 4 | Com certeza, todos nós já ouvimos falar de algum episódio que houve na escola em questão de racismo, de preconceitos. Eu não tenho alunos que são negros, mas a gente tem um amigo professor, e eu já vi várias vezes os alunos dizerem né? “Mas ela é preto? A cor dele chega é preto né professora?” Então você vê que eles falam de uma forma como se aquilo fosse uma coisa feia. A gente vê sempre isso. |

Fonte: O autor (2022).

As docentes precisam saber como lidar com as experiências, preconceitos e concepções que seus alunos e alunas trazem de sua vivência fora da escola. A Professora 3 não concluiu sua narrativa com algum desfecho para a situação presenciada. As Professora 1, 2 e 4, após presenciarem situações de discriminação, optam pelo diálogo com o discente ou em sala de aula.

Por meio das experiências citadas, observamos que a atitude das entrevistadas costuma ser reativa a situações de discriminação. Seja como alguma forma de silêncio e omissão (Professora 3) ou de oportunidade para discussão (Professoras 1,2,4). A escola, portanto, se mostra como um dos lugares onde as concepções negativas acerca de pessoas negras são disseminadas. Desse modo, ela também pode ser um local significativo para o trabalho pedagógico de desconstrução do racismo, preconceito e discriminação. Para cumprir essa tarefa, os professores e professoras precisam “entender o conjunto de representações sobre o

negro existente na sociedade e na escola, e enfatizar as representações positivas construídas politicamente pelos movimentos negros e pela comunidade negra” (GOMES, 2003, p. 77).

Uma hierarquia racial se torna nociva quando as crianças começam a acreditar nela. Elas carregam esse entendimento hierárquico fora da escola em suas comunidades, o que pode afetar a maneira como as crianças se sentem sobre si mesmas, suas famílias e amigos.

Uma das principais ferramentas utilizadas para enriquecer um currículo multicultural e combater o racismo e a discriminação racial nas escolas foi a publicação da Lei 10.639 (BRASIL, 2003). Em uma das questões feitas às professoras, pedimos que expressassem suas interpretações sobre a inclusão da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” na escola.

Quadro 7 - Cumprimento da lei 10.639/2003 na escola

| | |
|---------------------|--|
| Professora 1 | Nós temos a semana referente ao trabalho né? Vamos citar aqui o dia da Consciência Negra, por exemplo, nós temos na escola a semana inteira, e como você é sabedor tem ali o parque de eventos e tem a estação né? Então, geralmente acontece na estação. |
| Professora 2 | Independente do que a Lei nos propõe e que ainda não é seguido, sempre tratamos do tema, se não por meio de projetos, mas, dentro das sequências trabalhadas semanalmente tais temas são sempre abordados. |
| Professora 3 | A gente não tem especificamente um projeto que abrange assim... o afro-brasileiro, indígena, a gente trabalha em si, em sala de aula. É com temas sobre a temática dos assuntos relacionados às diferenças humanas, onde abrange o racismo, discriminação, preconceito, principalmente assim, agindo o respeito, né? Todo o processo em sala mostrando as diferenciações, os costumes de cada região, os costumes de cada localidade, país. O plano de aula em si abrange esses temas relacionados ao racismo, a discriminação e ao preconceito. |
| Professora 4 | No momento não há nenhum projeto pra essa temática da cultura afro, mas a data de 25 de novembro, que fala sobre o dia da Consciência Negra é vivenciada de uma forma diferenciada na escola. Onde há apresentações, onde a gente trabalha a cultura, a alimentação, a forma deles se vestirem, então mostra foto, faz apresentações, dependendo do espaço faz palestras pra que eles passem também a conhecer, a reconhecer, que eles já reconhecem, é um meio de vivência da gente, né? Foi uma cultura que é muito utilizada por nós, deixou muito pra nós brasileiros, e é comemorada dessa forma. |

Fonte: O autor (2022).

As professoras indicaram que, embora a Lei 10.639/03(BRASIL, 2003) não seja cumprida plenamente, projetos e trabalhos sobre a temática de inclusão étnico-racial são realizados na escola. As professoras 1 e 4 destacaram o Dia da Consciência Negra como justificativa para abordar a cultura negra na escola. O questionamento que fica é se o restante do ano essa cultura também é celebrada e levada para sala de aula. As professoras 2 e 3 comentaram que ao longo do ano costumam tratar de temáticas étnico-raciais durante as aulas.

Vale apontar que as culturas negras não resumem a temas ligados à escravidão, datas comemorativas ou exotismo. Ela se refere “à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural” (GOMES, 2003, p. 79).

Pesquisas têm apresentado a importância de considerar o significado de raça e diversidade nas escolas, particularmente devido à prevalência da raça na vida de muitos grupos minoritários (GOMES, 2003; MUNANGA, 2005). Quando a discriminação racial ocorre nas escolas, pode sinalizar aos alunos que eles são desvalorizados como parte da comunidade escolar e, portanto, da sociedade em geral, por causa da cor de sua pele.

A Lei 10.639 (BRASIL, 2003) é um modelo de política pública direcionada para a pluralidade, multiculturalidade e para a questão racial nas questões ligadas à educação escolar. As instituições escolares, diante disso, são instigadas a encontrar meios de conviver com a diversidade e a possibilitar o reconhecimento das diferenças.

CONCLUSÃO

A educação multicultural tem servido como um espaço para trabalhar com questões de equidade e justiça social no ambiente escolar a partir de pontos de vista de grupos historicamente marginalizados.

Ao auxiliar as crianças com conhecimentos multiculturais, os professores e professoras são capazes de estabelecer uma base para o processo de descoberta e desenvolvimento. Aprender sobre os outros e as maneiras pelas quais suas experiências são diferentes pode instigar os alunos e as alunas a avaliar seus traços e características culturais. Isso, por sua vez, facilita o processo de autoaceitação, pois as crianças são capazes de compreender suas identidades raciais, culturais e étnicas e abraçar sua origem cultural.

Recomendamos futuras pesquisas sobre o multiculturalismo que se concentrem em diferentes áreas educacionais e locais e possivelmente também instituições privadas. O grau de diversidade multicultural no Brasil não é homogêneo, pois há regiões que são culturalmente mais diversas, bem como aquelas que são culturalmente mais similares. Seria recomendável analisar como a educação multicultural difere em todo o país.

Por fim, espero que esse estudo possa contribuir com a promoção da pluralidade de ideias, a valorização de identidade, a autoestima e o combate a práticas preconceituosas e racistas no ambiente escolar. A honestidade, o respeito e a amizade são valores humanos que devem ser instruídos desde o ensino fundamental com o intuito de que sejam levados por toda vida, fazendo assim que o aluno possa socializar-se com todas as diferenças que surjam em seu convívio.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2012.

BRASIL. **Lei no 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para

incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan 2003.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

BRASIL; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; SECRETARIA DA EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

BRASIL. **Lei n.º 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União, Brasília, 11 mar. 2008.

CANEN, Ana; OLIVEIRA, Angela. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, p. 61-74, 2002.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A educação escolar, a exclusão e seus destinatários. In: **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 48, p. 205-222, dez. 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.2, p. 57-63, mar./abr.1995.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 23, 2003.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

IMBERNÓN, Francisco. **Qualidade do ensino e formação do professorado: uma mudança necessária**. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2016.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MOREIRA, Antônio Flávio. Currículo e gestão: propondo uma parceria, **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 21, n. 80, p. 547-562, 2013

MUNANGA, Kabengele. Apresentação. In. _____ (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília: MED; SECAD, 2005. p. 15 - 20.

SACRISTÁN, José Gimeno. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flávio (Orgs). **Territórios contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 82 – 113.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA

CAMPUS III - GUARABIRA

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC II)

PROFESSORA/ORIENTADORA: SHEILA GOMES DE MELO

ALUNO/PESQUISADOR: GIOCLECIO MUNIZ DE LIMA

QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS

| DADOS DO ENTREVISTADO | |
|--------------------------|--------------------------|
| Nome: | _____ |
| Gênero: _____ | Idade: _____ |
| Graduação: _____ | Turma que leciona: _____ |
| Tempo de formação: _____ | Tempo de atuação: _____ |

PERGUNTAS

1. Você já ouviu falar em multiculturalismo? O que você entende sobre isso?
2. Como você considera que a escola deva atuar em relação ao multiculturalismo?
3. Em relação a sua prática em sala de aula, você considera que tem atuado no sentido ao reconhecimento da diversidade cultural do nosso país. Se sim, de que forma?
4. O que você entende por Preconceito, Discriminação, Racismo e Estereótipo?
5. Você já presenciou ou ficou sabendo de algum episódio de discriminação racial na escola?
6. Sobre a lei 10.639/ 2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", a escola realiza alguma atividade (projeto, evento, etc.) alusiva às temáticas Afro-Brasileira e indígena?

Assinatura do Professor

APÊNDICE 2- ENTREVISTA COM A PROFESSORA 1

1) Você já ouviu falar em multiculturalismo? O que você entende sobre?

O Multiculturalismo não é uma palavra alheia a que eu já tenha estudado. Na realidade eu já tinha ouvido falar, porém, não com tanta ênfase, até porque nós educadores temos que nos adaptar a questão da realidade cultural de cada criança. Então assim, essa questão da a questão da amplicidade que tem a questão cultural, onde os indivíduos estão inseridos, nós temos que, querendo ou não, ter um pouco de conhecimento referente a esse tema. O que eu entendo no momento sobre, é que é uma visão global relacionada ao multi-universo cultural que é implantado, que nós vivenciamos no dia-a-dia, por que a questão cultural ela está totalmente relacionada ao universo escolar, tá realmente interligada. Então assim, é presente diariamente, não é uma palavra alheia, porém não é tão vista, não é tão exposta, a não ser em datas comemorativas né? A questão do dia da consciência negra, do dia do índio, que é muito trabalhada, citando algumas das temáticas que são usadas.

2) Como você considera que a escola deva atuar em relação ao multiculturalismo?

Eu considero que a escola é um universo no qual abrange várias vertentes, e dentre essas vertentes, nós temos que enfatizar alguns pontos. Então assim, a escola trabalha focada em temáticas que são escolhidas em períodos referentes ao que está acontecendo no momento. Então, nós utilizamos essa questão da temática, como eu havia falado na questão anterior, em períodos distintos. Naquele período que vai cair a comemoração é trabalhado uma semana dedicada a àquela temática. Por exemplo, como eu já tinha falado a questão do índio, né? A questão dos escravos, que é a questão afrodescendente. Então assim, toda essa dimensão, a escola trabalha de acordo com o que está no momento. A equipe toda senta e vamos trabalhar aquela semana dedica só aquele determinado tema. Ao meu ver trabalhamos de forma sistematizada, tem toda uma programação a ser trabalhada.

3) Em relação a sua prática em sala de aula, você considera que tem atuado no sentido ao reconhecimento da diversidade cultural do nosso país. Se sim, de que forma?

Então, ao meu ver em sala de aula como formadora e também formando pessoas, indivíduos que serão o futuro aí da nossa da nossa sociedade, que serão também formadores de opinião, questionadores. Então assim, eu trabalho sim dentro da sala de aula, tanto de forma direta como forma indireta sobre essa questão do reconhecimento da diversidade cultural. Não só na questão global, como principalmente na questão em sala de aula, por que assim, nós atuamos em várias disciplinas com essa temática. Uma das que nós utilizamos muito é a questão da religião. Nós não usamos a religião em si referente a deuses, nós utilizamos mais a questão do respeito. respeito ao outro, o respeito a questão física do outro, a valorização do outro, as palavras de respeito, a questão da educação em si. Então assim, tentamos mostrar de forma sucinta, né? E também de forma mais global quando traz realmente essa temática mais aprofundada. Então assim, é um trabalho de formiguinha, é um trabalho que é feito diariamente, por que tudo que está dentro

da sala de aula ela proporciona algum ensinamento para os discentes, então eu tento focar nisso, nos elogios, no pedido de desculpa, a questão física, eu trabalho muito sobre a questão da diversidade corporal, a diversidade cultural que temos assim dentro da sala de aula é uma mistificação né? Tanto na questão cultural como na questão da religião. Então assim, eu tento tirar essa questão do não respeito ao outro, do não ter empatia, que na realidade eu quero que tenha empatia. Eu tento ensinar meus alunos a ter empatia pelo outro, porque assim, a partir do momento que você não tem, é que gera, né, outros conflitos? Então, os conflitos dentro da sala que às vezes acontecem não é pela cultura do outro, não é pela origem do outro, não é pelo lugar que ele está inserido, as vezes o conflito são coisas de criança mesmo, por um lápis, por uma borracha. Eu estou só enfatizando pra você entender que essa questão da cultura, do respeito, ela tem que ser realmente trabalhada, então eu tenho que trabalhar de forma sucinta, no dia-a-dia mostrando, e também de uma forma mais global, através de conversas, de pinturas, de análise de imagens, comparações, semelhanças, diferenças. Respeito.

4) O que você entende por Preconceito, Discriminação, Racismo e Estereótipo?

A questão do preconceito já está dizendo né? Você tem um conceito já formado antes mesmo de você conhecer. Então um “pré-conceito”. Você tem um conceito antes de você conhecer, então assim, você já tem um conceito formado antes mesmo de você conhecer. Então o preconceito pra mim é isso. É a questão de você não querer achar que aquilo que é determinado né, aquilo. Você não conhece né, mas você já tem um conceito, você já sabe que não é bom, que não quer, então assim, o que eu entendo de preconceito, é isso. Você já ter um conceito antes mesmo de você conhecer determinada coisa, determinada pessoa, determinada comida. Então assim, o pré-conceito pra mim é isso.

Discriminação é quando você não quer ter contato, você não quer ter nenhum tipo de relação, seja com uma pessoa, seja causada essa questão da discriminação porque você não entende a escolha do outro, não entende o mundo em que o outro está inserido. Então assim, pra muitas pessoas é o diferente, então vamos discriminar, se o que não está de acordo com que a sociedade em si manda, ou que não é o certo, então eu vou discriminar.

A questão de racismo é questão de raça mesmo, né? Que infelizmente ainda tem muito em nossa sociedade, algumas pessoas ainda fazem o conceito velado que a gente sabe, mas que tá ali enraizado e que infelizmente isso acontece e infelizmente é passado para nossas crianças. Até porque é muito importante essa questão da conscientização não só por parte das escolas, mas por parte dos pais. Então assim, é muito relativa essa questão, é preocupante, é muito triste porque isso não deveria existir, mas infelizmente existe e infelizmente é velado né? Então assim, a escola proporciona um espaço pra que seja trabalhado da melhor forma possível. Até porque no nosso país né, no mundo nós temos pessoas afrodescendentes e que não é a cor da pele que vai determinar quem você é. Então eu admiro demais, sabe? Então pra mim isso é abominável, eu não concordo de forma alguma com a questão do preconceito.

A questão do estereótipo a gente já passa pra aparência, né? A questão do não padronizado, então assim, se uma pessoa se veste de uma maneira diferente, ou tem hábitos diferentes, se não está enquadrado naquele padrão que é determinado pela sociedade, então assim, não convém. Não convém conviver, não

convém ter relação, ficar nem perto. Então assim, é a questão de mesmo de padronizar, se não tiver padronizado não é bem aceito.

5) Você já presenciou ou ficou sabendo de algum episódio de discriminação racial na escola?

Só trazer um pouquinho a questão do estereótipo feminino né? Assim, porque eu sei o que você está falando referente a questão cultural mas que também entra, infelizmente entra né? Que a gente vê muito essa questão do estereótipo feminino a mulher tem que ser isso, que a mulher tem que ser aquilo, né? Tem que ter curvas, tem que ter... então assim é a mulher na sociedade hoje ela tem que ser mil e uma utilidades mas ainda ser perfeita, seguir um padrão de beleza. Então assim, isso também reflete porque nós temos crianças, nossos jovens que são muito incentivados pelas mídias, pelas redes sociais né, estão aí o facebook, instagran, e outro e outros, e vem aí essa questão da padronização que tem que ser assim. Se você fugiu desse padrão então você não serve, infelizmente é dessa forma. Então isso é muito preocupante também, por que nós sabemos que não há diferença né, que ninguém é igual a ninguém, nem questão física, nem questão emocional, então assim, uma pessoa é um universo completo, então assim, se você realmente for focar só na questão cultural, ou só no estereótipo, não tem como porque é uma gama muito grande. Então assim, o que eu entendo por isso é, se você não está de acordo com aquele padrão então não serve. Infelizmente é isso que acontece em nossa sociedade.

6) Sobre a lei 10.639/ 2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", a escola realiza alguma atividade (projeto, evento, etc.) alusiva às temáticas Afro-Brasileira e indígena?

Bom, referente a essa lei aqui que você está me passando, eu sabia sim que tinha uma lei que obrigava né, nós trabalharmos em sala de aula. Não que eu faça isso em minha sala como uma obrigação, mas que pela lei é uma obrigação. A nossa escola, ela trabalha de forma realmente, como eu falei naquela outra questão, nós temos a semana referente ao trabalho né, vamos citar aqui o dia da consciência negra, por exemplo, nós temos na escola a semana inteira, e como você é sabedor tem ali o parque de eventos e tem a estação né? Então, geralmente acontece na estação. Pelo menos o ano passado, no qual estou sendo professora da rede municipal esse ano, assim, ativa mesmo, por que no ano passado eu era também, mas era remoto, então não podíamos nos reunir, mas o fato é que, é feito na estação o dia "D" da consciência negra, que é quando nós nos reunimos lá, nós valorizamos as mulheres da cidade né, que é a prefeitura que faz esse evento, e nós enquanto professores levamos nossas crianças pra aulas expositivas, que tem lá, as fotos das mulheres, com apresentações de vídeos, é... questão de realmente conscientizar as crianças, que nós temos também, a questão da pauta, o evento voltado para os adultos e o evento volta para criança, né? Que são temáticas diferentes. Assim, a gente trabalha de forma bem intensa quando é a semana do evento. Questão indígena? Também, nós trabalhamos, inclusive eu fui uma das professoras que levou as crianças para uma visita lá na Serra da Raiz, só que não foi nessa escola, foi em outra. Mas na escola que eu trabalho também já tiveram

relatos de que aconteceram eventos extraclasse pra valorização né, para conhecimento. Esse ano foi trabalho sim na sala de aula o dia do índio, então assim, a gente foca mesmo, sabe? Faz da melhor forma possível né?

APÊNDICE 3 – ENTREVISTA COM A PROFESSORA 2

1) Você já ouviu falar em multiculturalismo? O que você entende sobre?

Sim, já ouvi falar e tenho tentado me aprofundar a respeito do tema sempre que posso, pois a realidade escolar nos leva a viver dentro desse contexto de muitas culturas, costumes, classes, crenças, enfim, a escola nos põe diante da necessidade de vivermos na prática essa inclusão tão falada mas, ao mesmo tempo temos que entender que não adianta incluir aquele que se diferencia do que é considerado “padrão” e não dar a esses grupos o poder de igualdade. Acredito que é isso, o multiculturalismo se faz quando a sociedade respeita as diferenças, e ao invés de discriminar aprende a entender as tais diferenças como riqueza cultural, algo que agrega, que engrandece.

2) Como você considera que a escola deva atuar em relação ao multiculturalismo?

Tornando-se ambiente de valorização e respeito cultural, incentivando a inclusão e mesmo a auto aceitação das crianças, mostrando a riqueza por trás das diferenças, promovendo meios de interação entre os estudantes, trazendo conteúdos para serem estudados que abordam tais temas, textos e autores característicos desse cenário multicultural. A escola tem sim um papel imprescindível dentro desse contexto, pois é um ambiente onde a criança sai do convívio e realidade familiar, e passa a socializar com inúmeras realidades diferentes, e o papel da escola é tornar todo esse processo o mais leve e eficaz possível, a convivência em conjunto e como tudo isso é conduzido é o que cria adultos capazes e livres.

3) Em relação a sua prática em sala de aula, você considera que tem atuado no sentido ao reconhecimento da diversidade cultural do nosso país. Se sim, de que forma?

Sempre que volto a esse tema, acabo me questionando se tenho feito tanto quanto deveria, e essa autoanálise me leva a ver que não, apesar de incentivar essa pluralidade cultural, trabalhar temas que abordam o respeito, a aceitação do outro e de si mesmo dentro das diferenças de cada um, parece que tudo se mostra pouco diante da realidade social que vivemos, essa tal igualdade que buscamos, essa sociedade livre de preconceitos, de discriminação, essa convivência multicultural, ainda se distancia demais do que vivemos atualmente. Então, apesar de levar essas discussões para minha sala de aula sempre que posso, sinto que falhei muitas vezes pela espera de abordagens que cheguem até nós, quando poderia eu mesma trazer essas ideias, dar o primeiro passo.

4) O que você entende por Preconceito, Discriminação, Racismo e Estereótipo?

Preconceito como o próprio termo já diz é um pré conceito, isto é, um conceito pré concebido, é quando fazemos um julgamento sem nem ao menos conhecer o que estamos julgando. Discriminação é quando a partir desses preconceitos passamos a excluir, diminuir, inferiorizar, desvalorizar, quando enxergamos o outro como inferior.

Racismo é quando essa discriminação acontece por conta das diferenças raciais. Estereótipo é o padrão que a sociedade criou que como as pessoas devem ser, a raça, o corpo, as crenças, o gênero... A sociedade nos impôs um modelo de como ser perfeitos para nos encaixar e ser aceitos.

5) Você já presenciou ou ficou sabendo de algum episódio de discriminação racial na escola?

Sim. A escola na qual trabalho oferece turmas do 3º ao 5º ano do ensino fundamental, são crianças pequenas ainda, e sabemos que são reflexo do que vêm em casa, os exemplos a que são expostos dentro do ambiente familiar faz toda a diferença nas atitudes dessa criança para com os colegas, na maioria das vezes as atitudes, como frases preconceituosas, são reproduções do que ela ouviu dentro de casa, o que nos entristece, pois é aí que fica claro que o trabalho que tentamos fazer na Escola contra esse tipo de atitude muitas vezes não tem uma contrapartida dos responsáveis, ou até tem, mas contrária. Mas, independente disso quando noto essas atitudes preconceituosas, discriminatórias, tento conversar, discutir o tema com o aluno, debater a situação, mostrar o quanto a atitude foi desnecessária, o quanto isso pode afetar a vida do colega, e levo o discente a se pôr na mesma situação, ainda trago as discussões para sala de aula na tentativa de sempre reforçar o tema.

6) Sobre a lei 10.639/ 2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", a escola realiza alguma atividade (projeto, evento, etc.) alusiva às temáticas Afro-Brasileira e indígena?

Na escola onde leciono ainda não há um trabalho efetivo dentro dessa temática, estamos vindo de dois anos de pandemia, aulas não presenciais, ainda estamos nos adequando dentro do currículo que nos é proposto, e por enquanto estamos dando foco ao déficit de aprendizagem de nossos alunos que é gigante, mas independente do que a lei nos propõe e que ainda não é seguido, sempre tratamos do tema, se não por meio de projetos, mas, dentro das sequências trabalhadas semanalmente tais temas são sempre abordados, com tudo, a nível geral de escola acredito que haverá um projeto na semana da consciência negra, como acontece na maioria das instituições, sabemos que é uma falha, mas, infelizmente ainda é a realidade.

APÊNDICE 4 – ENTREVISTA COM A PROFESSORA 3

1) Você já ouviu falar em multiculturalismo? O que você entende sobre

O multiculturalismo consiste em várias culturas diferentes, onde cada pessoa adquire, em sua região, localidade na qual se originou, então aí é criado o multiculturalismo.

2) Como você considera que a escola deva atuar em relação ao multiculturalismo?

Nesse processo escolar é muito importante essa construção, né? Buscando pelo principal princípio e respeito pelas culturas, as culturas diferenciadas. É um desempenho no qual o professor deve assumir essa área com bastante importância, que aí vai haver o respeito aos costumes, as crenças e das outras pessoas, né?

3) Em relação a sua prática em sala de aula, você considera que tem atuado no sentido ao reconhecimento da diversidade cultural do nosso país. Se sim, de que forma?

Eu acredito que sim. Se trabalhando com a música, a dança, que são instrumentos muito importantes, que mostram as diferenças das culturas, né? Diferenciada. Na música mesmo se tem, seja nos toques, nos ritmos, né? Isso vai praticando. Isso é uma prática em sala que os alunos interajam com toda essa diferença, havendo sempre o respeito, levantando os valores de cada cultura. Então, na música mesmo a gente pode relatar mostrando cada cultura, de cada local, de cada país, de cada cidade, né? E que interaja, que tenha essa discussão entre si, até entre o próprio alunado, né? E eles vão vendo e vão respeitando, e vão conhecendo que existem diferenças, entre o gostar dele e o gostar do outro.

4) O que você entende por Preconceito, Discriminação, Racismo e Estereótipo?

Bom, eu acredito que todos eles estão engajados num só. O preconceito está associado à intolerância, em relação às diferenças que existem no mundo. A discriminação, é transgredir o direito de uma pessoa, ela atua, ele exclui, ele separa as pessoas com base em ideias, preconceitos. O estereótipo é algo onde a pessoa conceitua, vamos dizer assim, ele não tem o conhecimento da outra pessoa, do indivíduo, mas se ele define, ele limita algo que seja pela aparência, a pessoa... dá um exemplo: tem pessoas que descrimina o negro, pode ser uma pessoa de bem, mas por ter um racismo, ele define aquela pessoa como um ladrão, como pessoas erradas, entendeu? O estereótipo atua nesse sentido, acho que tudo inclui o racismo, o preconceito a discriminação. Eu vejo assim, é o meu ponto de vista.

5) Você já presenciou ou ficou sabendo de algum episódio de discriminação racial na escola?

Sim, a gente que trabalha em escola sempre vê situações assim, questão do aluno referir-se a cor do outro, chamar o outro de negrinho. É o que mais a gente vê e ouve, essas situações. Como se já vem né? Isso foi logo lá no início, né? Não que não tenha, ainda tem, mas como a gente trabalha mais em sala de aula, vem trabalhando em sala de aula, porque desde o início não se tinha essa base curricular né? Mas, se trabalha temas em relação às diferenças, de pessoas, diferenças de cores, diferenças de religião, diferenças de raça. Então eles já vêm tendo um conceito diferente, mesmo que não gostam, vão aprendendo a respeitar os

costumes e as diferenças das outras pessoas. Então, hoje a gente, eu por mim mesmo em sala, hoje, vejo que já têm essa mudança pra anteriormente, né? Existe ainda? Existe! Mas, bem menos que anteriormente.

6) Sobre a lei 10.639/ 2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", a escola realiza alguma atividade (projeto, evento, etc.) alusiva às temáticas Afro-Brasileira e indígena?

A gente não tem especificamente um projeto que abrange assim... o afro-brasileiro, indígena, a gente trabalha em si, em sala de aula. É com temas sobre a temática dos assuntos relacionados às diferenças humanas, onde abrange o racismo, discriminação, preconceito, principalmente assim, agindo o respeito né? Todo o processo em sala mostrando as diferenciações, os costumes de cada região, os costumes de cada localidade, país. O plano de aula em si abrange esses temas relacionados ao racismo, a discriminação e ao preconceito.

APÊNDICE 5 – ENTREVISTA COM A PROFESSORA 4

1) Você já ouviu falar em multiculturalismo? O que você entende sobre?

Eu já ouvi falar sim. Consiste em ser várias culturas em uma mesma região.

2) Como você considera que a escola deva atuar em relação ao multiculturalismo?

A escola, por ser um espaço de formação, deve sim trabalhar o multiculturalismo de uma forma que seja para ampliar os conhecimentos dos alunos de acordo com as outras culturas, mesmo que elas não estejam inseridas na comunidade onde eles vivem, mas, pra eles conhecerem as várias culturas que existem de outros povos.

3) Em relação a sua prática em sala de aula, você considera que tem atuado no sentido ao reconhecimento da diversidade cultural do nosso país. Se sim, de que forma?

Eu acredito que sim. Eu acredito que tenho feito esse papel de reconhecer, porque a cultura vem sendo reconhecida, ela vem sendo mostrada na televisão, nas redes sociais, e hoje isso está muito na moda. Então, as crianças precisam conhecer, elas precisam ter esse conhecimento do que é a cultura, de onde vem essa cultura. Então, de que forma eu tenho feito isso? Mostrados fotos, reportagens, trabalhado aquela cultura, onde for a nossa cultura né? A cultura nordestina tem sido de uma forma mais enfática com eles, pra que fique, pra que ela não se perca no caminho. É... a gente está numa era digital e as coisas vêm deixando de existir. Então eu tenho trabalhado de uma maneira que eles consigam, que a gente consiga deixar no aluno essa de fazer trazer, como por exemplo as festas juninas, trazer um pouco do que era as festas juninas, do que fazia e não só essa festa de rua hoje. A gente tentou trabalhar na festa junina, brincadeiras na prática com eles, né? A questão da dança, que é a quadrilha, e de outras apresentações, como desafio.

Então, a ornamentação que tem toda uma questão da cultura, onde vem os enfeites, então, tem sido. Eu acredito que eu tenho trabalhado dessa forma pra tentar com que a cultura, a nossa cultura, ela se perpetue, né? Não morra.

4) O que você entende por Preconceito, Discriminação, Racismo e Estereótipo?

Eu entendo basicamente como uma rejeição. No momento que a gente é racista, que a gente é preconceituoso, seja com o que for, a gente tem uma rejeição sobre aquilo. Seja uma pessoa, seja cultura, seja uma forma de agir, seja uma alimentação. Então, a gente rejeita aquilo, a gente enoja, passa a ser uma coisa que você não quer perto de você. Eu vejo dessa forma.

5) Você já presenciou ou ficou sabendo de algum episódio de discriminação racial na escola?

Com certeza, todos nós já ouvimos falar de algum episódio que houve na escola em questão de racismo, de preconceitos. Eu não tenho alunos que são negros, mas a gente tem um amigo professor, e eu já vi várias vezes os alunos dizerem né? Mas ela é preto? A cor dele chega é preto né professora? Então você vê que eles falam de uma forma como se aquilo fosse uma coisa feia. A gente vê sempre isso. Então só sabe realmente quem sofre na pele, né? Na minha sala tem uma criança que acredito ser especial, a mãe tá procurando cuidados agora, e eu sofri muito no primeiro semestre com ela por causa dos outros alunos. Alguns realmente rejeitaram, faziam coisas que sabiam que ia afetar ele, então foi uma luta muito grande, está sendo uma luta muito grande, uma luta pra ele voltar pra escola, e eu não sei como vai ser, né? Porque aí eu já expliquei, eu já conversei, disse que o que eles estavam fazendo era errado, que estava afetando diretamente aquela criança, porque ele era uma criança que tinha problemas, pensava diferente, que devia ser respeitado. É esse o ponto, respeito, a gente precisa aprender a respeitar o outro

6) Sobre a lei 10.639/ 2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", a escola realiza alguma atividade (projeto, evento, etc.) alusiva às temáticas Afro-Brasileira e indígena?

No momento não há nenhum projeto pra essa temática da cultura afro, mas a data de 25 de novembro, que fala sobre o dia da consciência negra é vivenciada de uma forma diferenciada na escola. Onde há apresentações, onde a gente trabalha a cultura, a alimentação, a forma deles se vestirem, então mostra foto, faz apresentações, dependendo do espaço faz palestras pra que eles passem também a conhecer, a reconhecer, que eles já reconhecem, é um meio de vivência da gente né? Foi uma cultura que é muito utilizada por nós, deixou muito pra nós brasileiros, e é comemorada dessa forma. Geralmente é feita uma sequência didática na semana pra trabalhar a cultura afro. E indígena, sempre mais na... também uma sequência didática que é na semana que é comemorado o dia do índio, no mês de abril. Então, nós sempre temos essa preocupação de estar trabalhando as datas comemorativas de uma forma que seja pra associar o que eles já vivem, e conhecer melhor o porquê que existe aquilo, o porquê existe uma feijoada, de onde surgiu, de onde

surgiu a cultura do, não pode comer batata com leite. Então tem toda uma história onde é trabalhada na sala de aula sim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por ter me concedido saúde e força para superar as adversidades que nos são impostas nesse processo.

Agradeço também a minha família, esposa, filhos, pai, mãe e irmãs, que nunca mediram esforços para me ajudar, sempre me incentivando e dando força durante todo o período acadêmico.

A minha estimada orientadora Prof.^a Ma. Sheila Gomes de Melo, por todo encorajamento e gentileza com o qual sempre me tratou.

As professoras examinadoras Prof.^a Ma. Francineide Batista de Sousa Pedrosa e a Prof.^a Ma. Elizangela Dias Santiago Fernandes, por aceitarem participar da banca.

A todos os professores e professoras da UEPB CAMPUS III, que contribuíram em minha trajetória.